

NARRATIVAS DE MÃES-UNIVERSITÁRIAS NA UFPA: (SOBRE)VIVÊNCIAS NO PÓS-PANDEMIA

UNIVERSITY MOTHERS NARRATIVES AT UFPA: (SURVIVAL) EXPERIENCES IN THE POST PANDEMIC PERIOD

NARRATIVAS DE MADRES UNIVERSITARIAS DE LA UFPA: (SOBRE)VIVENCIAS EN LA ERA POST PANDEMIA

Maria Vitória Rocha de Jesus

Email: mavirj5@gmail.com

Kamilly Souza do Vale

Email: kamilly@ufpa.br

Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso

Email: doutoradobere68@gmail.com

ABSTRACT:

The COVID-19 pandemic was a milestone for society in general, which had to reinvent itself and live in a new way. For women, the risks of psychological illness were more pronounced, as were those for their children/adolescents. The research aims to include the ethical-political dimension in the debate about motherhood, since it is constituted by social and institutional expectations. This is a qualitative study and is part of the research project “Mental health care for University Mothers after social isolation in the context of COVID-19” by the Gestalt Therapy Research Center of the psychology course at the Federal University of Pará (UFPA). Its objective was to understand the experiences of UFPA students in the context of COVID-19 and post-pandemic. The data analysis was based on Amadeo Giorgi's (1985) phenomenological methodology and field theory from Gestalt Therapy. The research was conducted from 2022 to 2024, with a total of six participants interviewed. The analysis and understanding of the data resulted in the following units of meaning present in the discourse of university mothers: 1) Maternal overload. 2) Maternal role x university life. 3) Social isolation. 4) University permanence. It should be noted that the University still lacks effective planning and public policies aimed at welcoming and retaining these women. In this sense, spaces for listening and mobilization to guarantee rights were considered indicators of well-being and promoters of health for these mothers.

KEYWORDS: University-Mother; Pandemics; COVID- 19; Gestalt-Therapy.

RESUMO:

A pandemia da COVID-19 foi um marco para a sociedade geral, que precisou se reinventar e viver uma nova forma. Para as mulheres, os riscos de adoecimento psicológico foram mais acentuados, assim como para suas crianças/adolescentes. A pesquisa se propõe a incluir a dimensão ético-política ao debate acerca da maternidade, visto que esta é constituída de expectativas sociais e institucionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e compõe o projeto de pesquisa “Atenção à saúde mental de Mães-Universitárias pós isolamento social no contexto da COVID-19” do Núcleo de Pesquisas em Gestalt-Terapia do curso de psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Teve como objetivo compreender a vivência de discentes da UFPA no contexto da COVID-19 e pós-pandemia. A análise dos dados foi fundamentada na metodologia fenomenológica de Amadeo Giorgi (1985) e na teoria de campo a partir da Gestalt-Terapia. A pesquisa foi executada no período de 2022 a 2024 tendo ao final 6 participantes entrevistadas. A análise e a compreensão dos dados resultaram nas unidades de significado presentes no discurso das mães-universitárias, sendo elas: 1) Sobrecarga materna. 2) Função materna x vida universitária 3) Isolamento social 4) Permanência universitária. Cabe pontuar que a Universidade ainda carece de planejamento e políticas públicas efetivas, que visem o acolhimento e a permanência dessas mulheres. Nesse sentido, espaços de escuta e de mobilização para a garantia de direitos foram considerados como indicadores de bem-estar e promotores de saúde para essas mães.

PALAVRAS-CHAVE: : Mães-Universitárias; Pandemia; COVID- 19; Gestalt-Terapia.

RESUMEN:

La pandemia de COVID-19 ha supuesto un punto de inflexión para la sociedad en general, que ha tenido que reinventarse y adaptarse a una nueva forma de vida. Para las mujeres, los riesgos de padecer trastornos psicológicos han sido más acusados, al igual que para sus hijos/as y adolescentes. La investigación se propone incluir la dimensión ético-política en el debate sobre la maternidad, ya que esta se constituye a partir de expectativas sociales e institucionales. Se trata de una investigación cualitativa que forma parte del proyecto de investigación “Atención a la salud mental de Madres Universitarias tras el aislamiento social en el contexto de la COVID-19” del Núcleo de Investigaciones en Terapia Gestalt del curso de psicología de la Universidad Federal de Pará (UFPA). Su objetivo era comprender la experiencia de las estudiantes de la UFPA en el contexto de la COVID-19 y la pospandemia. El análisis de los datos se basó en la metodología fenomenológica de Amedeo Giorgi (1985) y en la teoría del campo a partir de la terapia Gestalt. La investigación se llevó a cabo entre 2022 y 2024 y contó con la participación de 6 entrevistadas. El análisis y la comprensión de los datos dieron como resultado las unidades de significado presentes en el discurso de las madres universitarias, que son: 1) Sobrecarga materna. 2) Función materna x vida universitaria. 3) Aislamiento social. 4) Permanencia universitaria. Cabe señalar que la Universidad aún carece de una planificación y de políticas públicas eficaces que tengan como objetivo la acogida y la permanencia de estas mujeres. En este sentido, los espacios de escucha y movilización para garantizar los derechos se consideraron indicadores de bienestar y promotores de la salud para estas madres.

PALABRAS CLAVE: Madres Universitarias; Pandemia; COVID-19; Terapia Gestalt.

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 representou um marco histórico que exigiu processos de adaptação na vida em sociedade, ocasionando a necessidade de uma reinvenção pessoal para o enfrentamento da nova realidade. Tal necessidade pôde ser observada em diversas áreas, como na educação formal, em que se incorporou às atividades as modalidades *online* e remota, a fim de minimizar os prejuízos referentes ao isolamento social, o que gerou impactos financeiros, emocionais, sociais e, também, impactos na saúde mental coletiva, em aspecto mundial, tendo em vista a situação vivenciada. (Nakano, Roza e Oliveira, 2021, p. 1369).

Segundo Lobo e Rieth (2021, p. 893), no Brasil, os sintomas de depressão e ansiedade, no contexto da pandemia da COVID-19, representaram, respectivamente, a prevalência de 40,4% e 52,6% na população brasileira em 2020. Vale ressaltar que as mulheres sofreram riscos significativos de adoecimento psicológico em decorrência da quarentena. A reclusão obrigatória nos lares provocou situações não habituais de vulnerabilização em adultos, crianças e adolescentes. Tal contexto de vulnerabilidade decorreu de lugares acometidos pela alta contaminação do vírus. Assim como o aumento da violência doméstica e sexual, atingindo o gênero feminino, que sofreu com as desigualdades e com a sobrecarga trabalhista. Sobretudo, as

mães, gestantes e puérperas, por integrarem um grupo de risco e alvo de preocupações (Ministério da Saúde, 2020; Karaca et al, 2022).

No contexto universitário, a adoção do modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), em resposta às portarias de medidas provisórias do Ministério da Educação, escancarou as desigualdades de acessibilidade, inclusão, letramento digital, social e de gênero, em especial no que tange às vivências de mães–universitárias. A exclusão e invisibilização de mães, na realidade do ensino superior, constituem a gênese da Universidade. Tais questões merecem ser discutidas a respeito dos corpos pensados para adentrar e permanecer nesse ambiente acadêmico, uma vez que as políticas institucionais existentes são precárias e não priorizam a permanência dessas discentes. Entretanto, ao falar da coletividade, essa realidade se apresenta de forma diferente entre pares quando se observa que os iguais oferecem apoio frente ao desamparo, ou seja, mães acolhem mães.

(...) as políticas da maternidade em muitos países e no Brasil, especificamente, não partiram de uma concepção dos direitos das mulheres em ser mãe, contando com assistência pública. Pelo contrário, os formuladores das leis e das políticas públicas tinham uma visão instrumental das mulheres, afinal era delas que as crianças nasciam e nascem, portanto, para ter sucesso na tarefa patriótica de salvar e preservar as crianças, era necessário olhar para as mães, protegê-las também. (...) criaturas toscas, ignorantes, culpadas pela sua condição e de seus filhos. (Martins, 2005, p.8)

A maternidade é marcada por vivências solitárias da mulher e, na maioria dos casos, configura-se em um ato permeado de idealizações construídas de modo sociocultural e projetadas à figura da “Mãe”. O que impõe à mulher a obrigação de sentir amor e plena felicidade pelo maternar e quando ocorre qualquer conduta ou emoção “desviante” do projetado implica na culpabilização e responsabilização dessas mães. Nesse sentido, “Pensar a maternidade requer atenção a toda uma construção histórico-social que implica reconhecer as consequências de um sistema patriarcal, que impôs em diversas instâncias, a maternidade como algo exclusivo das mulheres”. (Vale *et al.*, 2023, p. 36).

As reflexões propostas neste artigo consistem em pensar a dimensão ético-política da vivência, visto que a maternidade é constituída de demandas, expectativas sociais e institucionais que, em nome de um estereótipo cristalizado do papel da mãe, invalidam o maternar e todas as atribuições inerentes como parte integrante da identidade dessas discentes. Desse modo, outorgando a impossibilidade da mãe-universitária vivenciar as duas realidades que a constitui, uma imposição de escolha entre “ser mãe” ou “ser universitária”, o que implica a existência de um não lugar para o compartilhar de sua sobrecarga.

O contexto acadêmico, frente às mudanças provocadas pela COVID-19, desencadeou impactos na saúde mental das discentes, em que se faz necessário compreender os sentidos do

maternar, bem como as repercussões na saúde mental de Mães-Universitárias que esse fenômeno culminou. Portanto, este trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico e compõe o projeto de pesquisa “Atenção à saúde mental de mães universitárias no contexto da COVID-19” do Núcleo de Pesquisas em Gestalt-Terapia do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

SAÚDE MENTAL DE MÃES UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA COVID-19

A concepção de maternidade passou por transformações significativas ao longo da história, especialmente a partir do século XVIII, no qual houve a ascensão da burguesia e o Estado interessou-se pela vida privada, a exemplo da estrutura das famílias. Inicialmente, o papel materno era entendido como uma função exclusivamente biológica e natural da mulher, e com a influência de discursos médicos, filosóficos e sociais, a maternidade foi sendo moldada como exclusividade da mulher. Tal perspectiva corrobora para a construção da ideia de um "amor materno" instintivo (Badinter, 1985). Assim, o foco ideológico do cuidado e da educação se desloca lentamente da figura patriarcal para o amor maternal, tanto por interesses biomédicos e sociais como por questões econômicas e políticas; uma vez que, na época, o nível de natalidade era muito baixo, a mão de obra se tornou escassa, gerando uma ameaça à economia, esse holofote para a maternidade foi dado com o intuito de mudar esse quadro (Bezerra et al, 2023).

A maternidade foi integrada ao processo de tornar-se mulher com uma nova forma, como a função que completa identidade feminina, assim as mulheres subjetivadas pelo sistema patriarcal submeteram-se ao ideal de serem mães, não com passividade, mas por receio da opressão, perseguição e retaliação que receberiam, tanto social quanto do Estado. Com vozes e ciências de tanto prestígio da época difundindo a palavra da maternidade compulsória, malvistas seriam aquelas que se colocassem como antagonistas, seriam acusadas de egoísmo, de maldade, e até de desequilíbrio (Bezerra, 2023; Federici, 2021). Essas que fogem à norma estabelecida, a da maternidade compulsória, ainda são perseguidas no tempo presente, inclusive até mesmo as que são mães simplesmente por almejem exercer outras funções além do cuidado da casa e dos filhos. Esse cenário passa a ser questionado pós-revolução industrial, em que essa idealização entra na pauta das lutas feministas, em especial nas de 3ª onda (Kimura, 1997, p. 342). Considera-se então a maternidade como um conceito histórico e que varia conforme a sociedade, localidade, cultura e período.

Aproximando a contextualização da temporalidade da pesquisa, observa-se que a pandemia da COVID-19 emerge como fundo importante para se discutir a experiência materna. O marco deixado pelo Coronavírus no início de 2020 alterou o curso da sociedade geral, ocasionando imensuráveis impactos nos mais diversos setores sociais, da saúde, do meio

ambiente, da educação etc. Nesse sentido, ao se fazer o recorte de gênero, as produções levantadas revelam que, logo nos primeiros meses de isolamento social, as mulheres foram o público mais atingido. Além disso houve um considerável aumento de casos de violência contra as mulheres, visto que existia uma restrição de circulação dos ambientes que obrigou essas mulheres a passarem mais tempo em casa com seus agressores. Para além da sobrecarga de trabalho advinda de incontáveis demandas e do aumento dos indicadores de violência, a pandemia implicou repercussões na saúde da mulher. O adoecimento relaciona-se tanto à maior exposição ao vírus, uma vez que mães, gestantes, puérperas e crianças integravam o grupo de risco, quanto ao aumento dos índices de violência doméstica, gravidez indesejada e maior tendência ao adoecimento mental (Vale *et al.*, 2024, p.4).

As tarefas domésticas, como o cuidado dos filhos e estar disponível para as demandas familiares, são ocupações não remuneradas realizadas nos espaços domiciliares que resultam de uma hierarquização cultural, econômica e política do trabalho, como a ocupação realizada pelos homens dos espaços públicos, industriais e fabris, assim como o trabalho do espaço privado pelas mulheres (Federici, 2021, p.17). Essa divisão de tarefas ocupacionais cotidianas se perpetua até a atualidade, e se apresenta como um fator influenciador da sobrecarga de trabalho feminino durante o isolamento social.

Além da perspectiva temporal e de gênero, cabe colocar em pauta a noção de interseccionalidade como fundo da discussão. Entende-se tal como uma ferramenta analítica, e considera que as categorias raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, etnia, faixa etária e outros recortes existenciais relacionam-se e constituem-se mutualmente (Collins e Sirma, 2021, p. 17.). Assim, ao se tratar do público da pesquisa, juntamente à perspectiva holística e integrativa da Gestalt-Terapia, considera-se que as vivências das mães são entrelaçadas por diversos marcadores sociais, além do gênero.

Considerando a delimitação da investigação, para as mães universitárias, além de terem precisado conciliar as imposições trazidas pela crise sanitária, econômica e social, elas precisaram também adaptar sua rotina entre ensino e trabalho remotos, somando ainda demandas de ordem subjetiva e emocional pelo risco vivido. O sentimento de angústia vivenciado pelas suas crianças, que em fase de socialização infantil limitaram-se a seus lares e a aplicativos *online*, insegurança financeira, medo constante de se infectar, entre outros tantos fatores, resultaram para as mulheres, em especial as que maternam, a acentuada exaustão física e mental, maior ainda do que as vivenciadas antes da pandemia. (Pivetta, 2021, p. 12). Dessa forma, entende-se que o processo de sobrecarga e vulnerabilidade vivenciado pela mulher/mãe universitária no período pandêmico não foi resultante apenas pelas modificações inerentes à pandemia, mas resultantes também de processos de subjetivações estruturais.

Sendo assim, cabe ressaltar que os desafios enfrentados pelas discentes-mães passaram por agravantes com o estabelecimento da pandemia. Os contextos que compunham suas vidas (universidade e maternidade) sofreram um adicional que as sobrepôs (os desdobramentos pandêmicos), resultando, assim, em uma vivência única. Dessa forma, pode-se afirmar que ter percepção dos âmbitos que entranham a maternidade é de suma importância para o entendimento do fenômeno observado na investigação em questão, que se configurou a partir da escuta de narrativas dessas vivências.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com viés qualitativo, em que a análise dos dados foi fundamentada na metodologia fenomenológica de Amedeo Giorgi (1985) e na teoria de campo, a partir da compreensão Gestáltica. Recebeu, então, parecer aprovado pelo comitê de ética sob o número CAAE 65985722.6.0000.0018 e ocorreu no período de 2022 a 2024. A investigação delineou-se em 6 etapas: 1) revisão de literatura, (2) o uso de formulário *online* para estabelecimento de contato com as participantes, (3) aplicação de entrevistas semiestruturadas com perguntas sobre o perfil socioeconômico e abertas, que abordaram a vivências da maternidade nos períodos delimitados, (4) transcrição na íntegra das entrevistas, 5) análise e construção das unidades de significado, a partir da leitura das transcrições; e 6) a realização de duas rodas de conversa para reflexões referentes ao tema com todas as participantes.

Na etapa 1 de revisão de bibliografia, as pesquisadoras buscaram, nas plataformas acadêmicas e periódicos *Google Acadêmico*, *Lilacs (BVS)*, *Capes* e *SciELO online*, artigos, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses com as palavras-chave “Mãe-Universitária”, “Saúde Mental”, “Gestalt–Terapia”, “Psicologia” “Fenomenologia”, “Maternidade”, “Isolamento Social”, “Pandemia” e “COVID-19”.

Em seguida, para a cooptação das participantes, foi encaminhado um link de formulário online (optou-se pelo uso da ferramenta *Google Forms*), juntamente com imagem e texto explicativo sobre a pesquisa, e contendo itens de coleta de informação para contato e disponibilidade. Utilizou-se o método bola de neve para a amostragem. O primeiro passo foi encontrar mulheres pertencentes ao público-alvo, uma vez que essas pessoas foram o início da amostra, aquelas que deram origem das amostras. (Snijders, 1992; *apud* Dewes, 2013).

Os critérios de inclusão da pesquisa consistem em ter sido gestante/puerpera ou ter filha/filho durante a pandemia da COVID-19, ser Mãe-Universitária, estar cursando uma graduação, pertencer ao quadro de alunas da Universidade Federal do Pará, ter disponibilidade para participar das entrevistas presenciais e assinar os termos de consentimento livre esclarecido e de uso de voz. Na etapa posterior, a entrevista semiestruturada foi realizada com as

participantes de forma individual e presencial, juntamente com 2 pesquisadores, de acordo com a disponibilidade para a participação na pesquisa, todas aconteceram no espaço da UFPA. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Consentimento para Uso de Voz (TCUV), visto que as entrevistas foram gravadas; os termos descrevem os objetivos da pesquisa e seu objeto de estudo. Além disso, a equipe responsável se apresentou a cada participante como pesquisadora, realizou a leitura dos termos (TCLE e TCUV), sanou as dúvidas e disponibilizou uma cópia devidamente assinada no início de cada aplicação.

Posteriormente às transcrições das gravações, os dados coletados foram analisados de acordo com a proposta empírica-fenomenológica de Amedeo Giorgi (1985). Tal método é delineado por quatro etapas distintas: 1) Leitura integral do material para capturar sua essência geral; 2) Segmentação do texto em unidades de significado relacionadas ao fenômeno em estudo; 3) Tradução das unidades para uma linguagem psicológica; e 4) Desenvolvimento da estrutura da experiência vivenciada. Desse modo, cada colaboradora/colaborador da pesquisa fez a leitura e a construção individual das categorias de análise que emergiram das falas de todas as participantes, após isso as produções foram socializadas e assimiladas em unidades de significado.

Na constituição da análise e elaboração dos sentidos, para além do entendimento sócio-histórico e político, o estudo buscou apoiar-se na perspectiva dos conceitos da Gestalt-Terapia, a fim de tecer reflexões relacionadas à temática. Deste modo, baseou-se na noção de campo, de Kurt Lewin (1965); na visão holística e integrativa do sujeito proposta por Perls (2002); na dinâmica figura-fundo anunciada por Rubin (1915); e por fim, a dinâmica do *self*, a clínica da aflição e da neurose traçadas por Belmino (2020). Essa modalidade de investigação ressalta a subjetividade do pesquisador e dos participantes, bem como o fenômeno e, para tanto, envolve todo o contexto em que ele se manifesta, ressaltando, assim, o estudo dos fenômenos e manifestação dos sentidos oriundos da linguagem, dos discursos, dos textos e da apreensão dos significados (Holanda, 2006). Por fim, organizou-se duas rodas de conversa a fim de ouvir e debater com as participantes da pesquisa os significados elaborados na pesquisa por suas vivências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Simone de Beauvoir (2019) ao afirmar que “(...) ninguém se incomoda que as penosas maternidades matem o sentimento materno” traduz o sentimento de impunidade frente ao violento e cruel processo histórico designado à mulher, o de mãe ideal, fato que perpassa todas as falas recolhidas. As reflexões e percepções compreendidas neste tópico partem dos dados oriundos das entrevistas realizadas, das rodas de conversa e das leituras selecionadas e à luz da perspectiva da abordagem gestáltica. De acordo com a metodologia delimitada acima, ao final da etapa 2,

identificou-se 11 respostas ao formulário. Entretanto, apenas 6 das 11 participaram da etapa posterior. As entrevistadas apresentam o perfil: mulheres cisgênero, 4 das 6 se autodeclaram negras, 4 das 6 participantes são de outra cidade, sendo 3 quilombolas do interior do Pará, 4 das 6 já tinham filhos antes da pandemia, 3 das 6 foram gestantes e puérperas na pandemia e estão na faixa de 23 a 35 anos. Para melhor visualização do panorama geral das participantes segue o quadro 1 abaixo com os dados obtidos na primeira parte da etapa 3.

Quadro 1 – Perfil geral das participantes.

Participante	Autodeclaração	Idade	Ocupação	Estado Civil	Quantos filhas/filhos	Curso
P1	Negra	29	Mãe e Estudante	União Estável	3 Filhas	Psicologia
P2	Negra	31	Mãe e Estudante	Solteira	1 Filha	Psicologia
P3	Branca	35	Mãe e Estudante	União Estável	1 Filha e 1 Filho	Psicologia
P4	Negra	31	Mãe e Estudante	Solteira	2 Filhas	Pedagogia
P5	Parda (Negra)	29	Mãe e Estudante	Em divórcio	1 Filha	Licenciatura em música
P6	Branca	23	Mãe, Estudante e Estagiária	Solteira	1 Filho	Comunicação social - jornalismo

Fonte: Autores (2025).

No que tange a escolha dos conteúdos dispostos na tabela intitulada “Quadro 1: Perfil das Participantes”, cabe explicitar a escolha do texto presente no item “ocupação”. A opção da escrita parte de um lugar de resistência e representatividade, em que se decidiu não utilizar apenas um termo ou categoria sociodemográfica pronta, e sim as respostas das participantes ao formulário e como se percebiam em ocupação, para além de apenas “mãe” ou “universitária”.

Assim, a partir das narrativas das mães, identificou-se as seguintes unidades: 1) Sobrecarga materna; 2) Função materna x vida universitária; 3) Isolamento social; 4) Permanência universitária.

Sobrecarga Materna:

A unidade “Sobrecarga Materna” foi intitulada considerando a construção histórica de divisão de tarefas que foram, são e continuarão sendo destinadas às mulheres, tal como os impactos na vida delas. As falas residem no lugar em que se atende a várias demandas, o cansaço, o adoecimento, o mal-estar e a preocupação constante. Como observados nas narrativas a seguir:

Participante 1: “[...] a gente tem que entregar o melhor né, o melhor trabalho possível. Mas nada que a gente não possa, acho que, sei lá dedicar mais um pouquinho de tempo, estudar mais um pouquinho. Mas com as crianças é mais difícil, né. É... mas eu tô tentando, eu tô tentando, eu já pensei muitas vezes [voz trêmula] em desistir do curso [pausa longa]. Mas eu penso muito nelas, que eu tenho que dar o melhor pra elas. Então elas são minhas forças pra não desistir.” (P1)

Participante 5: “É, o tempo que sobra é uma coisinha assim, de nada. Daí a gente tenta encaixar as coisas, né. (...) no fim da semana acumula os cansaços e “puff”, sabe? (...) Eu vou tá fazendo comida pra ela, arrumando a roupa dela, organizando as coisas que ela vai precisar pra semana na escola, se precisar lavar roupa que, enfim” (P5)

As falas das participantes são consonantes aos estudos de Silvia Federici (2021), a qual afirma que os afazeres e atividades domésticas foram historicamente destinados à obrigação exclusiva de mulheres, bem como o trabalho do cuidado e o reprodutivo. Na sociedade, todas essas funções atribuídas são permeadas pela invisibilidade, desvalorização e “servidão voluntária”, o que dificulta o reconhecimento do árduo trabalho exercido por mulheres (Hirata, 2010). Como Mães-Universitárias, se é exigido, para além dos afazeres supracitados, que dê conta dos afazeres acadêmicos, e não de qualquer forma, mas performando tudo com excelência, o que culmina na sobrecarga das diversas jornadas de trabalho vivenciadas por essas mulheres.

Em sequência ao debate, as falas complementam a discussão e incluem à perspectiva explorada os impactos na saúde mental. A percepção desses aspectos será melhor observada nos trechos seguintes:

Participante 6: “(...) tipo a gente tá é estudando aí “ah, beleza, tá estudando”, mas aí eu sinto que eu abandonei ele porque tipo ele fica o dia inteiro com outra pessoa, sabe? E aí, eu tenho certeza que se eu ficasse só cuidando dele eu também não seria reconhecida seria como se “ah, não tá fazendo nada tá só com o neném” que é tipo o que muita gente tipo até da família pensa que quando tipo ah não...deixei de fazer outra coisa, deixei de lavar uma louça, porque? “Porque não tava fazendo nada” mas não tava não fazendo nada, sabe? tava cuidando dele e aí é algo que me dói muito é isso, sabe? tipo, na maternidade é isso como

eu me sinto tipo realmente dessa falta desse reconhecimento do trabalho do cuidado que foi no caso o cuidado com o neném e aí... é... muitas, muitas, muitas feridas foram criadas, sabe?”

(P6)

Nesse processo de tornar-se mãe, mais demandas emergem e com elas a necessidade de adaptação a uma nova rotina, em que a mulher se sobrecarrega na tentativa de dar conta de suas obrigações (vida acadêmica, vida pessoal, relacionamentos, vida conjugal etc.) e desse maternar composto pelas expectativas dela e dos outros de seu ciclo. Os trechos corroboram os escritos de Bezerra *et al.* (2023), ao sustentar a tese que as responsabilidades podem implicar estresses adicionais para a mãe, a maternidade também pode ser representada como um processo de luto, visto que a mãe, em repetidas situações, abdica de dedicar-se a si mesma e renuncia à sua subjetividade em detrimento de cuidar do outro. Na perspectiva da Gestalt-Terapia, o cenário da sobrecarga materna pode ser compreendido na dinâmica figura-fundo como um fundo de violências constantes, que permeia todas as demandas, figuras e o campo (Lewin, 1965) dessas mulheres, que influencia a sua forma de ser e estar no mundo, além de entrar em contato com a realidade.

Função Materna x Vida Universitária:

A categoria versa ainda a respeito da sobrecarga, entretanto, em face da sobreposição de dois mundos: a universidade e a maternidade. Nas narrativas essa divisão é explícita, e com ela os desafios de conciliar as tarefas, visto que não se inclui socialmente e institucionalmente a maternagem como componente de subjetividade. Assim, o tópico se debruça na percepção da dinâmica de fragmentação vivida pela mãe universitária, bem como os impactos na sua saúde mental e na sua trajetória acadêmica. As falas abaixo apresentam de modo elucidativo a vivência destas mulheres:

Participante 4: “Olha... é difícil porque, tipo assim.... uma das coisas que mais me afeta são as questões emocionais mesmo. Que põe... onde às vezes eu me sinto deprimida, triste pela distância, não saber o que está acontecendo, como tá acontecendo lá, e.... ter aquela sensação de que eu... não ter esse direito de me sentir assim, porque eu tenho que me direcionar às minhas obrigações acadêmicas. (...) a o neném tava meio adoentado, por isso eu vou nem mandar mensagem, saber se ele piorou ou se melhorou que se ele piorar eu... eu... vou me

desestabilizar e eu não posso porque eu tenho um trabalho pra apresentar depois, eu tenho que focar nisso, entendeu?” (P4)

Participante 6: “Eu acho que é isso dá...apesar de ter uma rede de apoio muito grande eu ainda tenho que conciliar o cuidado dele, sabe? E mesmo que eu consiga que ele fique com as pessoas eu me sinto negligente de não tá cuidando dele e é isso muito importante que a minha mãe fala, sabe? Uma das coisas que ela ainda entra muito na minha cabeça de falar que não sou eu que crio ele porque é outra pessoa que tá cuidando, sendo que se eu tivesse em casa cuidando dele ela ia tá criticando que eu não tô estudando e não tô estagiando, sabe? Então eu acho que o meu maior desafio pessoalmente é esse: é o julgamento, é tentar conciliar e mesmo conciliando, quando consigo conciliar o cuidado dele com o estudo, eu ainda me sinto...nunca vou me sentir competente pra isso.” (P6)

O ponto em comum de todos os relatos reside na luta constante pela existência, que frente à negação e não inclusão da maternidade como constituinte da identidade e da vivência de Mães-Universitárias, responde à violenta escolha imposta “ser mãe ou ser universitária” com a própria vida. A angústia existente por se perceber nesse lugar, somada à sobrecarga do ser mulher e do maternar são indicados como fatores que influenciam de forma aguda o percurso acadêmico, bem como a subjetividade dessas mães. Além disso, cabe também pontuar a importância da rede de apoio nessa trajetória universitária, pois essa viabiliza, ainda que minimamente, a possibilidade dessas mulheres realizarem suas atividades com menor preocupação com relação à maternagem. Entretanto, independentemente o suporte ser efetivo e existir, ele é embebido pelo ideal social do que é ser mãe, resultando na relação de culpabilização direcionada a elas por atenderem à outra demanda, que não seja a do cuidado, sendo a introjeção dessa culpa causadora de sofrimento, impactando na aprendizagem das estudantes.

A partir de uma leitura Gestáltica, entende-se que os introjetos referentes ao ideal materno eliciam a cristalização do *self* e bloqueiam a inclusão de outras formas possíveis da maternidade. Tal enrijecimento, advindo de um excesso de coerção social, torna a vivência tensa um hábito comum, em que, apesar de não existir riscos iminentes, se mantém generalizado (Belmino, 2020). O maternar e seus processos compõem a clínica da aflição, visto que ocasionam vulnerabilidade na função personalidade do *self*, assim não cabe analisarmos a experiência como simplesmente uma neurose, no sentido de mudança individual e exclusiva do sujeito, sem

considerar o contexto ético, político e antropológico presente como composição do fundo e do campo existencial da Mãe-Universitária, que é permeado por violações.

Isolamento Social:

A unidade de significado em questão trata principalmente do recorte temporal norteador da pesquisa, a pandemia da COVID-19. Em “Isolamento Social” apresentam-se recortes referentes ao período pandêmico como “a quarentena”; “o ERE”; o início do retorno das aulas presenciais e como foi para as participantes vivenciar os dois momentos, seus medos, inseguranças e percepções. Tais questões serão exemplificadas nas narrativas separadas das participantes:

Participante 3: “Quando a gente recebeu a notícia de que ia ficar no ensino remoto e tudo, nossa foi horrível. Porque é muito complicado você estudar em casa, escutando todos os barulhos da casa, principalmente eu, né, uma pessoa que não enxerga, sou muito ligada nos barulhos, no que tá acontecendo, no que estão falando, como eu poderia tá intervindo em alguma coisa e a atenção ficava bem dividida mesmo em relação à aula e às crianças e enfim. Às vezes eu até fazia a comida assistindo aula, porque na época o meu marido não sabia fazer comida (...), então às vezes ocorria de o professor me chamar e eu ter que correr pro quarto pra não sair o barulho da panela de pressão ou coisas desse tipo assim.” (P3)

Participante 5: “Então, eu chegava no horário que era da minha aula e ela ficava com sono, ficava irritadiça, e eu tinha que tá com ela aconchegando. (...) Ou então eu tava deitada na cama com ela tentando fazer ela dormir mesmo né e com fone de ouvido, ouvindo a aula, (...) eu lembro até de uma vez que eu tava assistindo a aula e tava trocando fralda dela, literalmente, deixei a aula bem alta assim e tava lavando ela na pia, secando, fazendo as coisas e tentando prestar atenção.” (P5)

Participante 6: “E aí foi no momento pior tipo acho que era uma época que eu chorava todos os dias, todos os dias dos 9 meses de gravidez acho que não teve tipo um dia que eu não tenha chorado (...) era muito ruim aí tava sem ver os amigos, tava sensibilizada por causa dos hormônios e por causa da

situação mesmo,(...) não queria fazer nada eu me forçava a fazer porque tipo tinha que comer porque se não tinha medo muito medo de acontecer alguma coisa com ele (...) consegui ver meus amigos, eu consegui conversar pessoalmente com eles (...) fazer outras coisas, não tá só sendo mãe, que era o que acontecia na pandemia mesmo que eu visse uma aula online eu tava sempre com ele” (P6)

As narrativas confirmam a sobreposição de demandas encontradas nas literaturas, em que se nota a tentativa falha de conciliar necessidades da vida pública e privada, do mundo do trabalho e do contexto familiar, visto que ambos foram integrados ao mesmo ambiente, o doméstico. A solidão da maternidade e seus processos foram acentuados na quarentena, em que as mães maternaram sem o suporte presencial da sua rede de apoio efetivamente, somente com a família nuclear. Segundo Rubin (1984, *apud* Kimura, 1997, p. 341), o núcleo da identidade materna reside nos conceitos do EU - mãe e VOCÊ - filho e como ambos relacionam-se e influenciam-se. Desse modo, no momento que o contexto pandêmico interfere na relação mãe-filho, modifica a identidade materna e a forma em construção da maternagem, visto que esses são consequente da vinculação desta relação. Além disso, lidar com todo esse processo é angustiante e danoso para a saúde mental dessas mulheres.

No que tange seus processos de aprendizagem, as mães discentes pontuam as dificuldades que perpassam sua trajetória acadêmica com a adoção da modalidade do ERE: não possuir um ambiente e nem materiais adequados, não conseguir acompanhar e participar das aulas por estarem realizando outras tarefas, a sensação de não aproveitamento e a falta que faz a presença de contato físico com os amigos. Tais entraves corroboram com os escritos de Nakano et al (2021), que aponta os elementos que constituem a graduação-Instituição, docentes e discentes- e suas possíveis reações durante o período pandêmico, e destaca a inabilidade e ineficácia das medidas adotadas rapidamente, tanto em suprir a aprendizagem, quanto em garantir a acessibilidade da educação.

Permanência Universitária:

Em “Permanência Universitária”, dialoga-se com os âmbitos que envolvem a permanência das participantes da pesquisa, que perpassam pela rede de apoio, suporte institucional, entraves na formação, acolhimento entre pares e a presença do coletivo de mães. Assim, a discussão transita pela experiência com a universidade enquanto Instituição e grupo social, que será desenvolvida e comprovada a seguir a partir dos relatos a seguir:

Participante 1: “(...) teve muito apoio das minhas amigas, elas super entendiam quando não dava pra mim fazer o trabalho e elas tentavam fazer pra mim ou me ajudavam quando eu tava com muita dificuldade (...)E a professora K. deu aula pra mim, foi bem acessível a disciplina dela (...) ela super compreende que ela é mãe também (...) É, é isso mesmo, é muito complicado pra gente que é mãe é mil vezes pior. É muita cobrança, cobrança, cobrança.” (P1)

Participante 4: “Acho que nesse sentido em relação à minha maternidade foi isolado assim. (...) por exemplo de uma professora reclamar que no meio de uma fala minha eu pedi pra mim sair da sala por que o meu filho tava sujo e tava chorando. Ele tava incomodado. aí eu disse “professora tenho que sair pra trocar o meu filho” e ela achou ruim, ela falou várias coisas que tem que ter responsabilidade, tem que entender, trabalhar de acordo com as dificuldades, coisas nesse sentido, tipo isso me abalou profundamente que eu falei assim e o meu filho tava com fome e já o meu peito tava seco, eu disse “ professora tenho que sair porque além de sujo ele tava com fome, eu vou ter q sair, fazer o mingau dele e já tava no final da aula e era isso “que tem q se organizar, ser estudante é se organizar, trabalhar em cima das dificuldades, das eventualidades”(P4)

Participante 5: “(...) e foi quando eu vi que as pessoas se importam com isso em relação a mim, que eu me senti mais... me desarmeí, né, pra me aproximar de verdade disso. E hoje, assim, eu tenho plena confiança nessas pessoas e a gente criou aí formas de como eu te disse, hoje a minha vida é mais leve e é graças a isso, graças à essa vivência coletiva.” (P5)

Na pesquisa em questão, investiga-se as vivências dessas mães na dimensão de estudantes universitárias, onde a universidade pode se apresentar como um ambiente propício ao estresse, tendo em vista o enfrentar de novos contextos, configurações tanto sociais e de construção pessoal, quanto de modalidades de ensino-aprendizagem (Almeida e Soares, 2003). Tais enfrentamentos influenciam no contexto da vivência de uma mãe, colocando a função personalidade do *self* em vulnerabilidade, o que dificulta a vivência dos papéis presentes nas vivências dessas mulheres, angústias como adaptar-se ou não a um modelo educativo, formar

ciclos na rede social, maneiras de incluir as atividades na sua rotina e na subjetividade de um modo geral. Além disso, quando acrescentam gestantes ou puérperas no diálogo, tais angústias são acentuadas, visto que estão em processo de atender a novas responsabilidades condizentes à saúde não mais só delas, mas também agora de um corpo gerado, que se torna mais importante do que elas socialmente. Visto isso, identificou-se que a aceitação dos colegas de classe, da equipe docente, da acessibilidade e do auxílio da universidade, enquanto instituição e a possibilidade de modificações do ensino à sua realidade, podem ser considerados como pontos importantíssimos para a saúde mental de mães no contexto acadêmico, pois promovem a inserção e permanência na academia.

Ademais, é imprescindível destacar a importância do coletivo e da relação de acolhimento entre pares. Segundo Vale (2018), o coletivo se configura em um espaço de experiência de sentimentos, de contato com diferenças, para uma possibilidade de mudança na forma de lidar com o outro, juntamente com o aprendizado de direitos enquanto pessoas existentes socialmente e o estabelecimento de relações solidárias pautadas no cuidado e autocuidado. No discurso das participantes, evidencia-se o impacto e o bem estar decorrentes da compreensão e do acolhimento em suas relações entre pares e colegas, que oferecem aceitação e suporte no encontro com o outro, e o que possibilita o enfrentamento de contextos aflitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em foco abrange as vicissitudes históricas, políticas, econômicas, sociais e epidêmicas da trajetória de mães discentes e expõe o silenciamento e a invisibilização de suas existências. Nesse sentido, conclui-se que o estudo cumpre com o seu objetivo na busca por compreender os atravessamentos da vivência de Mães-Universitárias no contexto de durante e pós quarentena da COVID-19 na UFPA, ao oportunizar um espaço para que possam falar de seus sentimentos, questionamentos e decisões. Entretanto, trata-se de uma pesquisa inicial e instigadora, tendo em vista ser uma temática que apenas atualmente começou a ser investigada dentro dos estudos da maternidade em interlocução com a Gestalt-terapia. Sendo assim, sugere-se que continuem a investigar a temática, relacionando com as interseccionalidades que as permeiam, os caminhos e os territórios que as transversalizam, bem como a proposição de grupos reflexivos ou terapêuticos, a fim de promover o acolhimento das dores dessas estudantes e dar continuidade ao debate ecoando as demandas trazidas.

Deste modo, cabe pontuar que a Universidade, enquanto espaço físico e Instituição, ainda carece de planejamento e políticas públicas efetivas, que visem o acolhimento e permanência dessas mulheres e suas crianças. Outrossim, observou-se a existência de uma inabilidade e

ausência de suporte do corpo técnico (docentes e burocracias institucionais), que promovem violências e sofrimento ético-político o que implica, frequentemente, no abandono das disciplinas, na reprovação, na permutação de curso ou a evasão da vida acadêmica.

O meio social (nuclear ou de convívio cotidiano) reflete na saúde mental dessas mães, condenando-as e julgando-as como unicamente responsáveis pelos processos de maternagem e cuidado, negando ajuda e escuta ao minimizarem os seus sofrimentos e angústias. Nesse sentido, pontua-se a importância de redes de suporte efetivo (tecido familiar e/ou alunos e docentes, sociedade em geral), amparo institucional tanto na assistência, quanto na inserção que vise a permanência na universidade de forma efetiva, que funcionam como suporte para elas. Espaços de escuta e mobilização, para a garantia de direitos (grupos e coletivos), são considerados indicadores de bem-estar e promotores de saúde para essas mães, que mediante ao contexto de ser mãe, de ser universitária e de ser pessoa, ajustam-se criativamente a fim de exercer suas potencialidades dentro das possibilidades que o campo proporciona.

Agradecimentos

À equipe do Núcleo de Pesquisas em Gestalt-Terapia. Ao apoio da PROPES/UFPA, FAPSI, IFCH, UFPA. Ao meu pai (Celso), à minha mãe (Cláudia) e às minhas tias (Francinete e Francilea). Aos meus irmãos (Clara, Karla, Milton, Paula, Arthur e Maria). À minha família (Rocha e Cardoso). Aos meus amigos irmãos. À minha orientadora (Kamilly) e à minha corretora e tia (Berenice). Ao meu amor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Estudante universitário: Características e experiências de formação**. Taubaté, SP: Cabral, 2003. p. 15-40.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BELMINO, M. C. **Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica**. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2020.

BEZERRA, J. K. T.; PAULA, S. M. de; ALVES, A. D. **Sobrecarga Materna E O Seu Impacto Na Saúde Mental**. Dez. 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/4668>. Acesso em: 22 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica: Emergência de Saúde Pública de importância nacional pela doença pelo Coronavírus 2019: Vigilância de Síndromes Respiratórias Agudas: COVID-19**. Brasília-DF, 5 ago. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/covid-19/guia-de-vigilancia-epidemiologica-covid-19_2021.pdf/view. Acesso em: 20 jan. 2025.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

DEWES, J. O.. **AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE E RESPONDENT-DRIVEN SAMPLING: UMA DESCRIÇÃO DOS MÉTODOS**. Monografia (Bacharel em Estatística) - Departamento de Estatística, Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, f. 53. 2013.

FEDERICI, S. **O Patriarcado do Salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. v. 1. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method. In: GIORGI, A. (Org.). **Phenomenology and psychological research**. Pittsburg: Duquesne University Press, 1985. p. 8-22.

HIRATA, H. S. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, [S. l.], 2. ed., 2010. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2557>. Acesso em: 2 set. 2024.

HOLANDA, A.F. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, v.3, p. 363 - 372. 2006.

KARACA, P. P.; KOYUCU, R. G.; AKSU, S. C. The relationship between pregnant women's anxiety levels about coronavirus and prenatal attachment. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 36, p. 78-84, fev. 2022. Disponível em: [https://www.psychiatricnursing.org/article/S0883-9417\(21\)00181-3/fulltext](https://www.psychiatricnursing.org/article/S0883-9417(21)00181-3/fulltext). Acesso em: 20 nov. 2024.

KIMURA, A. F. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 31, n. 2, p. 339–343, ago. 1997.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LOBO, L. A. C.; RIETH, C. E. Saúde mental e Covid-19: uma revisão integrativa da literatura. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 130, p. 885–901, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202113024>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MARTINS, A. P. V. História da maternidade no Brasil: arquivos, fontes e possibilidades de análise. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais eletrônicos**. Londrina: ANPUH, 2005. p. 1–9. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23>. Acesso em: 20 mar. 2025.

NAKANO, T. de C.; ROZA, R. H.; OLIVEIRA, A. W. de. Ensino Remoto Em Tempos De Pandemia: Reflexões Sobre Seus Impactos. **E-Curriculum**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 1368-1392, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2021v19i3p1368-1392>. Acesso em: 23 mar. 2025.

PERLS, F. S. **Ego, fome e Agressão**. São Paulo: Summus, 2002.

PIVETTA, A. L. **Maternidade em tempos de pandemia**: relatório como instrumento de divulgação científica. 2021. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2021.

RUBIN, E. **Figura Synsoplevede**. Estudo e análise psicológica. Primeiro Del. Copenhague e Christiania: Gyldendalske Boghandel, Nordisk Forlag, 1915.

VALE, K. S. **Psicoterapia gestáltica de grupo com casais em situação de violência conjugal**. 2018. 137 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

VALE, K. S. et al. Reflexões acerca da atenção à saúde mental de Mães-Universitárias após isolamento social no contexto da covid-19. **Complexitas Revista de Filosofia Temática**, Belém, v. 8, n. 2, p. 32-52, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/1577>. Acesso em: 2 maio 2024.

VALE, K. S. et al. Saúde Mental De Mães-Universitárias No Contexto Da Covid- 19: Uma Revisão Integrativa Nacional. **Revista Fenexis: Estudos Fenomenológicos Existenciais**, v. 2, n. 2, p. 2–24, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/fenexis/article/view/7964>. Acesso em: 8 mar. 2025.